

“CIDADE NASCIDA À SOMBRA DA CRUZ”: A INVENÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) QUIXERAMOBENSE PELOS INTELLECTUAIS DO INSTITUTO HISTÓRICO DO CEARÁ (1913 – 1996).

Nathan Pereira Barbosa¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a produção historiográfica de historiadores nascidos na cidade de Quixeramobim-CE e ligados ao Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Procurou-se, inicialmente, problematizar em que medida essa produção tentou construir uma identidade regional através da escrita da história. Certos aspectos dessas obras visavam contribuir para a construção de um imaginário sobre o povo de Quixeramobim, como sugerem os termos “povo hospitaleiro”, “cristão autêntico”, “pacífico”, “libertário”, “Cidade Coração do Ceará” e “Cidade nascida à sombra da cruz”. Também se problematizou alguns mitos fundadores como a noção de que os europeus teriam sido os “pioneiros desbravadores” e “fundadores” da cidade, bem como o surgimento dito “harmonioso” do povoado de Santo Antônio de Quixeramobim, sob o comando do português Antônio Dias Ferreira, chamado heroicamente por essa historiografia oficial de “Filho do Porto” e “cristão autêntico”.

Palavras-chave: Historiografia, Identidade, Imaginário.

ABSTRACT

The present work has for goal to analyze the historiography production of historians born in the city Quixeramobim-CE and connected to History, Geographic and Anthropological Institut of Ceará. Initially, we looked for to problematize in which extend this production tried to build a regional identity through the written history. Certain aspects of these works sought to contribute for the construction of one imaginary about the people of Quixeramobim, how they suggest the terms “hospitality people”, “authentic Christian”, “pacific”, “libertarian”, “Heart city of Ceará” and “City born the shadow of the cross”. We also problematised some founding myths as a notion of that the Europeans would have the “discoverers pioneers” and “founders” of the city, as well as the origin said like “harmonious” village of Holy Antônio from Quixeramobim in command of the Portuguese Antônio Dias Ferreira called heroically for this official historiography by “Son of the seaport” and “authentic christian”.

Key words: Historiography, Identity, Imaginary

RECEBIDO 30/06/2016

AVALIADO 04/08/2016

¹ Mestre em História Cultural pela Universidade Estadual do Ceará - UECE

Introdução

“Uma vez produzido, todo texto histórico torna-se ele mesmo objeto de História, pois passa a representar a visão de um indivíduo sobre o passado.”

Leandro Karnal – História na sala de aula

O historiador Durval Muniz em seu livro “História, a arte de inventar o passado”, realiza um debate interessante acerca de um termo que tem sido muito utilizado em outras áreas além da História, como por exemplo, a Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Pedagogia, Comunicação e Crítica Literária. Trata-se do termo “invenção”, que por sinal, dá título a esse trabalho. O propósito dessa breve introdução é justificar de que maneira se pensa essa “invenção” aplicada à escrita da história pelos historiadores ligados ao Instituto Histórico do Ceará (Falaremos melhor do Instituto mais à frente). A palavra “invenção” será empregada sem o sentido de algo que foi fabricado e se encontra acabado e cristalizado. Como se verá mais adiante, a identidade é dinâmica e está em constante processo de mutação e ressignificação. Pensando na escrita, concordamos com Durval Muniz, quando afirma que o termo “invenção” sugere que:

Os homens inventariam a História através de suas ações e de suas representações. Essa expressão remete a uma temporalização dos eventos e dos objetos e dos sujeitos, podendo se referir tanto à busca de um dado momento de fundação ou de origem, como a um momento de emergência, fabricação ou instituição de algo que surge como novo.²

Outro conceito importante para se introduzir, é o de identidade, o qual, compreende-se como sendo uma série de signos, comportamentos, características, crenças e valores que são construídas historicamente e tomadas seletivamente como um discurso de auto-afirmação e diferenciação de um indivíduo, grupo ou sociedade em relação ao outro. Tais aspectos nunca são fixos ou sequer possuem uma essência, porém, vivem em constante transformação. Tampouco se trata de algo natural, que surge espontaneamente ou até mesmo preexistia estando à espera de quem a tomasse, nem possui uma estabilidade ou rigidez em seu processo de ser e de se construir. Como bem colocou Stuart Hall: “A identidade é uma construção. Um feito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas.”³

Tendo por base teórica o livro “Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais” de Tomaz Tadeu, Stuart Hall e Kathryn Woodward, afirmamos inicialmente que “a

² ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História, a arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007: 19-20.

³ SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012: 96.

identidade é marcada pela diferença”⁴. A identidade necessita de outra identidade para existir. Reproduzindo o argumento do texto citado acima para o universo estudado: ser quixeramobiense é não ser fortalezense, é não ser paulista, carioca, etc. Tal discurso busca cristalizar certos estereótipos (e excluir outros, daí seu caráter seletivo baseado em interesses diversos) e assim criar um sentimento de pertencimento. “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.”⁵ Longe de ter uma pureza, a identidade é uma construção que está sujeita a constantes transformações de acordo com os tempos históricos e seus contextos culturais, econômicos, etc.

Historicamente, houveram grupos que tentaram estabelecer uma identidade fixa e imutável seja para o Brasil, seja para uma dada região. Em nível nacional, o grupo de mais impacto foi o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Como argumentou a filósofa Marilena Chauí, coube ao Instituto, elaborar no século XIX o perfil da nação e de seus habitantes em meio ao questionamento “o que é o Brasil?”

Criado em 1838, o Instituto deveria instaurar, enfim, o semióforo “Brasil”, oferecendo ao país independente um passado glorioso e um futuro promissor, com que legitimaria o poder do imperador. [...] Como instituto histórico, cabia-lhe imortalizar os feitos memoráveis de seus grandes homens, coletar e publicar documentos relevantes, incentivar os estudos históricos no Brasil.⁶

Em nível regional, no Ceará, essa tarefa de pensar uma identidade de forma sistemática ficou a cargo do Instituto Histórico do Ceará, criado em 1887 nos moldes do IHGB. Como ressaltou o historiador Almir Leal, esses historiadores lançaram as bases históricas/míticas das “origens” da província em termos “científicos”, para além do romance “Iracema” de José de Alencar, ambientado no primitivo território cearense.

Ao estabelecerem os agentes e as situações que “inauguraram” o Ceará na História, os historiadores do Instituto Histórico do Ceará detectaram as origens parciais da mítica “Origem” do Ceará. Os primeiros desbravadores, o povoamento das diferentes regiões, os primeiros donatários, as primeiras personalidades históricas – ou os heróis fundadores – formaram uma sistemática tradição mítica. Assim, para cada parte do território local foi eleito um personagem ou herói inaugural das tradições, do poder, capital simbólico, que distinguirá cada região.⁷

Pensando nessa construção identitária por meio dos discursos históricos, o presente trabalho procurou investigar como alguns historiadores ligados ao Instituto Histórico do Ceará

⁴ Ibidem, p. 09.

⁵ Ibidem, p. 112.

⁶ CHAUI, Marilena. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Coleção História do Povo Brasileiro, 2000: 50.

⁷ OLIVEIRA, Almir Leal de. *O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social. (1887 – 1914)*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001: 100.

tentaram elaborar uma identidade para a cidade de Quixeramobim, localizada no centro do estado do Ceará. Nos arquivos do Instituto, destaca-se o considerável número de trabalhos publicados sobre o Município, sendo, portanto, o mais estudado da região central do Ceará. Foram escolhidos autores nascidos naquela cidade ou que cresceram nela, como Marum Simão, Andrade Furtado, Eusébio de Sousa, Ismael Pordeus e Boanerges Facó. O que todos possuem em comum é o fato de serem católicos e estarem ligados institucionalmente ao Instituto Histórico do Ceará, tendo, ao mesmo tempo, produzido vasto material sobre a história da cidade. Os autores aqui analisados escreveram seus artigos e livros entre as décadas de 10, 40, 50, 60 e 90 do século XX. O recorte temporal inicial (1913) justifica-se por ter sido o ano de publicação do primeiro artigo a ser escrito sobre a história de Quixeramobim por um historiador ligado ao Instituto. Trata-se do artigo “Breve Notícia Histórica da Cidade de Quixeramobim”, escrito por Eusébio Nery Alves de Sousa. Já o recorte final (1996) justifica-se por ser a data de publicação do trabalho mais recente sobre a história da cidade, escrito por um historiador ligado ao Instituto: “Quixeramobim, recompondo a história”, de Marum Simão.

Procurou-se dar mais ênfase à Marum Simão⁸, tendo em vista ser o intelectual mais recente e mais influente no ensino da história local, o qual, evidentemente, foi influenciado pelos historiadores conterrâneos que o antecederam. Assim, pôde-se perceber até que ponto certos mitos foram reproduzidos ou reelaborados, sendo que essa visão triunfalista sobre o passado da cidade de Quixeramobim continua sendo reproduzida nas escolas de todo o município, tendo em vista ser a versão “oficial” da História Local daquela cidade. Daí, portanto, a necessidade de se desconstruir e desnaturalizar alguns mitos que se verá mais adiante, os quais, se encontram cristalizados e tidos como naturais pelo senso comum e pelos livros didáticos de história local.

O historiador Almir Leal Oliveira em seu trabalho sobre o Instituto Histórico do Ceará, assegurou que havia nos textos dos intelectuais um forte apelo identitário sobre o que seria o Ceará e quais as características de seu povo. Isso porque além de darem início a uma mitologia que exaltava os valores morais de Martim Soares Moreno⁹, do vaqueiro e do jangadeiro,

⁸ O livro escrito por Marum Simão “Quixeramobim, recompondo a história” (1996) é a obra mais influente e conhecida no que diz respeito à história do Município, tendo sido adotado inclusive como livro didático. A obra traz várias citações de autores aqui citados, estes, membros do Instituto Histórico do Ceará.

⁹ Capitão português que fundou em 1612 o Forte de São Sebastião na Barra do Ceará, região onde surgiria futuramente a cidade de Fortaleza. O escritor cearense José de Alencar personificou em Martin a figura do “herói português fundador” ao escrever o romance “Iracema” (1865), fato que o teria consagrado ainda mais como símbolo do surgimento de uma civilização mestiça. Embora muitos trabalhos acadêmicos tenham desconstruído a visão romântica a seu respeito e até questionado a noção de “fundador”, a historiografia oficial e de tradição do Instituto Histórico do Ceará continua a defender vigorosamente Martin Soares Moreno como “fundador do Ceará”.

representados como símbolos de força, heroísmo e coragem do povo cearense, esses autores também “evocavam uma memória para o Ceará como *Terra da Luz e da Liberdade*.”¹⁰

Por ser fortemente ligado ao Instituto Histórico do Ceará, Marum Simão foi diretamente influenciado por esse discurso identitário glorioso que exalta características morais dos sujeitos históricos. Tornou-se inevitável a comparação entre as narrativas épicas dos intelectuais que louvam os heroísmo e o caráter do dito “fundador do Ceará” Martin Soares Moreno e a narrativa de Marum, que como se verá mais à frente, ressaltou do mesmo modo os atributos espirituais de Antônio Dias Ferreira, tido pelo autor como “fundador” da cidade de Quixeramobim. Também se verá como reproduziu muitos mitos em sua narrativa que foram extraídos diretamente dos artigos de intelectuais como Andrade Furtado e Ismael Pordeus, ambos membros do Instituto Histórico do Ceará e nascidos em Quixeramobim.

Um aspecto importante na escrita de Marum Simão, é que em toda a obra são muito recorrentes os trechos generalizantes e enaltecendo de um suposto caráter de coletividade forjado pelas dificuldades do clima seco e pela religião cristã católica daqueles que habitam na cidade de Quixeramobim. Esse estilo enaltecendo caracteriza a tentativa de construção de uma identidade quixeramobiense com a finalidade de gerar um sentimento de pertencimento, pois como afirma Sandra Jatahy Pesavento:

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença.¹¹

O enquadramento de uma memória e identidade católica sobre a cidade como sendo um espaço imutável, natural e herdado daqueles europeus que para Marum Simão e os demais intelectuais quixeramobienses do Instituto Histórico do Ceará, seriam os “pioneiros” é algo muito recorrente nas obras aqui estudadas. Pode-se notar que mesmo com a ausência de um debate teórico, foi possível observar na obra como memória e identidade dialogaram entre si e se complementaram. Como afirmou Oliveira: “memória e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, constituindo-se, mutuamente, num processo no qual a primeira dá substrato à segunda”¹². A memória diz muito sobre o que os sujeitos pensam de si mesmos. Em linhas gerais,

¹⁰ OLIVEIRA, 1995: 130.

¹¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005: 89-90.

¹² OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. *Juntar, Separar, Mostrar – Memória e escrita da História no Museu do Ceará (1932-1976)*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008: 44-45.

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela também é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.¹³

Feita toda essa discussão teórica e ainda seguindo a linha de pensamento de Sandra Jatahy Pesavento, em que a identidade seria “uma construção simbólica de sentidos”, problematizar-se-á trechos do livro “Quixeramobim, recompondo a história” (1996), de Marum Simão e os artigos dos intelectuais quixeramobienses ligados ao Instituto e que dialogam diretamente com a obra, onde será possível observar essa “construção simbólica” por meio do discurso da escrita da história.

Antônio Dias Ferreira e o mito fundador

Em determinado momento de seu livro “Quixeramobim, recompondo a história”, Marum Simão apresenta ao leitor um homem por nome Antônio Dias Ferreira, português natural da cidade do Porto e que se instalara na região do sertão central cearense em 1712. Chamado de “filho do Porto” pelo escritor, apresentado como sendo “o pioneiro” e o “fundador” da primeira capelinha da região e da Fazenda Santo Antônio do Boqueirão, que futuramente cresceria e evoluiria para povoação, Villa e finalmente, Município em 14 de agosto de 1856. Tanto o título de “filho do Porto” e “fundador” reforçados por Marum Simão, quanto a ênfase heroica dada pelo autor a Antônio Dias Ferreira, evidenciam uma narrativa histórica que busca suas origens na realeza portuguesa e na sociedade europeia em detrimento das culturas indígenas que existiam na região. Estes, ao contrário dos colonizadores, foram descritos como vítimas e obstáculos incômodos aos estrangeiros ditos “pioneiros” e “fundadores” da civilização.

No capítulo III de seu livro, intitulado “O Índio e a Colonização”, embasado em artigos de Ismael Pordeus¹⁴ e Eusébio de Sousa¹⁵, o autor procurou caracterizar as tribos que habitavam as ribeiras do rio Ibu, como por exemplo, os genipapos, os quixarás e os canindés. Mais à frente, no tópico 2, que trata do “Povoamento e Sesmarias”, discorreu sobre os “brancos” que começaram a chegar na região a partir do século XVIII e que se instalaram nas proximidades do boqueirão. O autor reproduziu o estereótipo da visão tradicionalista sobre os europeus como

¹³ POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992: 200-212. In: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>

¹⁴ PORDEUS, Ismael. *Antônio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim*. Fortaleza: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, 1955.

¹⁵ SOUSA, Eusébio Nery Alves de. *Breve Notícia Histórica da Cidade de Quixeramobim*. Fortaleza: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, 1913.

sendo naturalmente ousados e desbravadores: “Com seu espírito conquistador e possuindo armas mais aperfeiçoadas, o branco se instalou definitivamente no interior.” A progressiva extinção dos índios dói, inicialmente, criticada pelo autor que inclusive classificou como “chacina” toda a matança contra “os reais senhores das terras”¹⁶. Todavia, aos poucos, Marum Simão naturalizou o brutal processo de expulsão das tribos e sua catequização e posterior escravidão.

Nesse ponto, Marum reproduziu a visão de Eusébio Nery A. de Sousa, um dos intelectuais do Instituto Histórico, citados em sua bibliografia. Tanto para Eusébio, como para grande parte dos demais membros do Instituto do Ceará no final do século XIX e meados do século XX, prevaleceu a visão tradicional de colonização e dominação dos povos indígenas cearenses como sendo parte de um processo necessário para formação da “civilização” e ingresso do Ceará na era do “progresso”. Em artigo de 1913, da revista trimestral do Instituto do Ceará, intitulado “Breve Notícia Histórica da Cidade de Quixeramobim: período de 1789 a 1913”, Eusébio de Sousa afirmou sobre as tribos que viviam no interior do Ceará:

E assim viviam os nossos primitivos nessa porfiada luta, felizmente cedendo caminho ao mundo culto e civilizado, abrindo-lhe as portas do progresso, heróis que, derramando o próprio sangue em prol do utilíssimo cometimento, se batiam pela regeneração dessa raça sem valor, pode-se dizer, de verdadeiros irracionais.¹⁷

Deve-se entender esse texto de Eusébio de Sousa como sendo produto de uma mentalidade e de uma perspectiva histórica evolucionista própria do fim do século XIX e muito difundida no Brasil. Na citação, o autor deixou claro que o único sangue derramado e merecido de ser lembrado e reverenciado, é o sangue dos missionários católicos. É possível observar que Sousa lamenta, e ao mesmo tempo exulta os “mártires” que teriam dado suas vidas para cristianizar uma terra embrutecida. Essa era a visão de muitos historiadores do Instituto Histórico do Ceará, o nativo visto como “raça sem valor” e irracionais”, obstáculo ao europeu portador da “civilização”. Os colonizadores eram tidos como “heróis” que possuíam uma missão: civilizar a terra bárbara. Nessa perspectiva, se naturalizou e se tratou como necessário, assim como no texto de Eusébio, o processo conflituoso e sanguinário de colonização. Como se viu, essa perspectiva do “europeu desbravador” portador do progresso e da civilidade contra o índio embrutecido que necessitava ser colonizado a qualquer custo, acabou por, de certa forma, influenciar Marum Simão em sua obra.

A elaboração de um herói fundador para a cidade de Quixeramobim é uma herança da cultura escrita do Instituto do Ceará. Oliveira (2000) observou que a criação de heróis

¹⁶ SIMAO, Marum. *Quixeramobim, Reconpondo a História*. Fortaleza: MULTIGRAF Editora Ltda, 1996: 32.

¹⁷ SOUSA, 1913: 368.

fundadores na historiografia cearense, remetia a necessidade de se consolidar a narrativa dos mitos de origens como sendo “mais verídicas”, além de atribuir coerência à história que se quis contar:

A figura do herói foi assim construída como elemento que defendeu e que bem explorou o território. As figurações em torno do fundador dignificavam o personagem dentro dos acontecimentos iluminando uma origem histórica antes presa às “braumas” confusas de um passado imaginado e não comprovado.¹⁸

O termo “pioneiro” embora remeta àqueles que primeiro ocuparam as terras do território onde surgiria a cidade, não foi atribuído às tribos, mas sim aos europeus. Portanto, as bases fundadoras de Quixeramobim seriam, segundo os historiadores ligados ao Instituto, europeias. Desconsiderando, assim, qualquer traço de presença indígena ou negra no que concerne a um papel ativo no processo de construção da gênese da sociedade quixeramobiense. Com essa narrativa, Marum acabou por reproduzir um discurso conservador que negava o protagonismo de povos indígenas no processo histórico. Entende-se essa omissão como uma escolha política por parte desses autores, na tentativa de dar mais legitimidade ao mito fundador da cidade, tendo em vista que, o herói branco europeu e católico seria sinônimo de civilização, ao passo que de acordo com essa tradição historiográfica, o nativo remeteria à barbárie.

Todos esses títulos dados a Antônio Dias Ferreira (“pioneiro”, “fundador”, “desbravador”, “Filho do Porto”) como já mencionado, faz parte de uma tradição historiográfica (também encontrada no Instituto Histórico do Ceará e no IHGB) que buscou legitimar o europeu e os valores cristãos como questões inerentes à cultura e à civilização brasileira. Marilena Chauí, em seu livro “Brasil – Mito Fundador e Sociedade Autoritária”, escreveu sobre essa tradição eurocêntrica que os historiadores do IGHB iniciaram no século XIX :

O português é o desbravador corajoso e aventureiro que vai criando o solo nacional, o índio é o símbolo do Brasil audaz, guerreiro puro, enquanto o negro simplesmente não aparece, substituído pela escravidão como instituição bárbara que é preciso destruir. Nessa história, não se acredita que o índio ou o negro possam ser base de uma nação civilizada, tarefa que os historiadores do Instituto atribuíram aos portugueses.¹⁹

Ismael Pordeus, em artigo que consta na bibliografia de Marum Simão, intitulado “Quixeramobim e sua Vida Religiosa”, já trabalhava com a ideia de ser o português o “pioneiro” ou “fundador” de Quixeramobim, reivindicando, assim, uma origem europeia para a cidade. Em

¹⁸ OLIVEIRA, 2001: 108.

¹⁹ CHAUI, 2001: 52.

passagem que comenta o testamento de Antônio Dias Ferreira, Pordeus escreveu: “não estranhemos, pois, aquela disposição testamentária do luso fundador de Quixeramobim”.²⁰

Boanerges Facó, em seu artigo “Fastos de Quixeramobim”, trabalho que também se encontra na bibliografia de Marum Simão, seguiu a mesma linha interpretativa de Pordeus: “O Capitão Dias Ferreira, o fundador de Quixeramobim, comprou no ano de 1702 terras à margem do rio”.²¹

Percebe-se portanto, que a invenção de um fundador estrangeiro não foi um fato isolado de um autor, mas faz parte de uma tradição historiográfica. Sobre essa tradição, Chauí escreveu sobre a tendência do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em se criar heróis predominantemente europeus, principalmente em dado momento do século XIX em que se elaborava uma identidade nacional em meio à pergunta “o que era o Brasil?”. Como se pôde averiguar, o Instituto do Ceará bebeu muito desse estilo de escrita da história do IHGB:

Como instituto histórico, cabia-lhe immortalizar os feitos memoráveis de seus grandes homens, [...] redigir uma história que incorporasse as três raças, dando predominância ao português, conquistador e senhor que assegurou o território e imprimiu suas marcas morais ao Brasil. [...] E era tarefa sua prover a história com os elementos que garantiriam um destino glorioso à nação.²²

O chamado “Filho do Porto” foi assim, consagrado mais uma vez, agora por Marum Simão, como “pai” de Quixeramobim. Não somente “pai” no sentido do que chamou de “pioneirismo”, mas também um pai espiritual. Isso porque segundo o escritor, foi através dele e de seu exemplo que o “espírito cristão” passou a habitar em todos resistindo aos tempos e permanecendo até nossos dias (pois foi Antônio Dias Ferreiram quem instituiu Santo Antônio como padroeiro da hoje Quixeramobim). Obviamente, essa visão tradicionalista e heroica precisa ser desnaturalizada, questionada e desconstruída. Portanto, a instituição de Antônio Dias Ferreira como herói “pioneiro” e cristão fundador da cidade, foi uma construção. Uma tentativa de europeização das origens históricas locais ao mesmo tempo que desconsiderou a presença e o protagonismo de povos indígenas anteriores ao português, e até mesmo da população negra, após sua chegada. O que se vê ali pode ser chamado como um clássico exemplo de mito fundador. Sobre esse conceito, concordamos com Tomaz Tadeu Silva:

²⁰ PORDEUS, 1955: 14

²¹ FACO, Boanerges. *Fastos do Ceará*. Fortaleza: Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, 1954: 28.

²² CHAUI, 2001: 50

Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade.²³

Entrando mãos à fundo na questão do mito fundador, lê-se em Marum Simão que a fixação do chamado “filho do Porto” “e seus homens nas proximidades do rio Ibu não foi tão fácil como se imagina”. Também é possível ler numa Ismael Pordeus, do Instituto do Ceará, que tanto Antônio Dias Ferreira quanto seu companheiro Cap. Manuel da Cruz de Melo “se empenharam em luta com a indiada, pela posse da terra ainda em poder do selvagem”²⁴, e que “aqui, como em outras partes do País, colonizador teve de enfrentar adversidades mais variadas, inclusive a hostilidade dos nativos”²⁵. Ora, fica evidente que além de colocar os índios numa posição em que os mesmos teriam sido obstáculos hostis aos colonizadores, Marum Simão afirmou claramente que Antônio Dias Ferreira entrou em conflito com aqueles que denominou de “reais senhores das terras”, no entanto não se aprofunda nas contradições desse conflito. Ao escrever que os “conquistadores” tiveram de enfrentar a “hostilidade dos nativos”, o autor constrói em sua narrativa um contraste entre bem e mal, um embate entre os que traziam a civilização e os selvagens naturalmente hostis e irracionais que lutavam sem causa. O conflito do chamado “filho do Porto” com os índios foi ofuscado ou até mesmo esquecido pelo autor ao se exaltar logo em seguida, a fé de Antônio Dias Ferreira. Isso porque sendo ele colocado na aclamada posição de “fundador” de Quixeramobim, sua memória não poderia passar para a posteridade como sendo de um conquistador que devasta terras ou um assassino de índios e senhor de escravos, mas sim de um homem genuinamente cristão, alguém a quem se deve graças até hoje por ter escolhido Santo Antônio como padroeiro, alguém que foi um exemplo de fé a ser seguido: “Foi um homem profundamente religioso, cristão autêntico, zeloso na propagação da fé”²⁶.

Essa áurea em torno de Antônio Dias Ferreira não foi algo fabricado apenas por Marum Simão. O escritor quixeramobiense Ismael Pordeus, em seu artigo “Antônio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim”, datado de 1955, já teria criado alguns traços de personalidade e espiritualidade para o português, inclusive já utilizando termos que quarenta anos depois seria utilizados por Marum. Pordeus afirmou que Antônio Dias Ferreira teria sido um homem portador de “sentimento profundamente religioso que ia na alma do luso filho da cidade do Pôrto. [...] Era o homem do século, feito às lutas do pastoreio, que desejava praticar com maior perfeição as

²³ SILVA, 2012: 85.

²⁴ SIMAO, 1996: 32; PORDEUS, 1956.

²⁵ Ibidem, p. 37.

²⁶ Ibidem, p. 38.

virtudes cristãs. [...] Devoção sincera, ardente mesmo”.²⁷ Como se verá mais adiante, esses e outros traços de personalidade e espiritualidade que buscaram monumentalizar o sujeito histórico e criar o herói, foram reproduzidos e potencializados por Marum Simão.

Mas não só Antônio Dias Ferreira teve seus atributos espirituais engrandecidos pela historiografia oficial quixeramobiense, a cidade também ganhou notável destaque no que tange à espiritualidade, tendo valores e virtudes potencializados por esses autores. Em uma passagem do artigo “Centenário de Dom Quintino” de 1963, Andrade Furtado ressaltou que “esta unidade da Pátria” (Quixeramobim), teve seu surgimento guiado pela Cruz de Cristo:

Revivem, nas comemorações da grata efeméride celebrada, os méritos e os fulgores da vida e obra imortais desse pioneiro intemerato do alastramento do Reino do Senhor, em larga porção desta querida unidade da Pátria, *nascida à Sombra da Cruz*.²⁸ (grifo nosso)

Essa última frase em destaque escrita por Andrade Furtado, se tornou jargão constante, presente em praticamente todas as narrativas que tratam da origem da cidade. Ver-se-á, a seguir, como alguns historiadores quixeramobienses do Instituto Histórico do Ceará, tentaram fabricar uma origem cristã para a cidade.

Em tópico que trata da “Inauguração da Vila”, no livro “Quixeramobim, recompondo a história”, Marum Simão afirmou que o “espírito” de “cristão autêntico” de Antônio Dias Ferreira estava interiorizado nos primeiros moradores brancos da Vila de Campo Maior, atual cidade de Quixeramobim. Ao reafirmar as supostas qualidades morais daqueles a quem denominou de “pioneiros”, também rebateu de forma enfática e visivelmente dura um trecho do edital de convocação para inauguração da vila, datado de 13 de junho de 1789, em nome de D. Manuel de Magalhães Pinto – Ouvidor geral da Capitania do Ceará – e Avellar de Barbedo – Representante do governo de Pernambuco. Marum procurou fixar um tipo de identidade e afastar completamente quaisquer aspectos negativos sobre a Villa que então eram sugeridos no documento. Assim diz o trecho do edital:

Quanto seria útil ao serviço público, à administração da justiça e ao real serviço, que se erguisse em Villa a povoação de Santo Antônio de Quixeramobim, para nella se recolherem e congregarem os homens vadios que como feras vivem espalhados pelos sertões, separados da sociedade cível, cometendo desordens e toda à qualidade de delictos que as justiças não podiam cohibir.

²⁷ PORDEUS, 1955: 190-191.

²⁸ FURTADO, Andrade. *Centenário de Dom Quintino*. Fortaleza: Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, 1963: 62.

A resposta de Marum a esse trecho procurou trazer os elementos civilizatórios contestados pelos intelectuais do Instituto Histórico do Ceará e negar aqueles que remetiam à barbárie. Nos faz lembrar, ainda, que a identidade é marcada pela diferença, em especial, pela defesa do “nós” e a rejeição do “eles”:

Vale lembrar, outrossim, que Campo Maior não teve origem em um agrupamento de malfeitores, vagabundos e desordeiros, muito pelo contrário, a povoação do Boqueirão surgiu à sombra da cruz, isto é, da capela, onde estava impregnado em todos, o espírito cristão.²⁹

Sua fala além de não apresentar argumentos sólidos para contestar o edital, procurou construir através do apelo para o discurso religioso, uma identidade cristã pacífica para os ditos “pioneiros” brancos que habitavam Campo Maior (Quixeramobim). A invenção dos “pioneiros” enquanto povo “pacífico” e “cristão” com origens europeias foi, de certa forma, uma tentativa de “humanizar” e “civilizar” as origens, pois o índio não poderia ser parte do mito fundador. Nessa visão tradicional, o índio seria a barbárie, a ignorância, o paganismo e a ele, estaria reservada apenas a sombra da mestiçagem, hora narrada por alguns escritores como motivo de “orgulho” (afinal, o sangue europeu também fez parte desse processo), ora vista como motivo de um suposto “atraso cultural”. A respeito dessa exclusão, Orlandi afirmou que nos “discursos fundadores da brasilidade, o índio não entra nem como estrangeiro, nem sequer como antepassado.”³⁰

Ao afirmar que a povoação surgiu “à sombra da cruz” e que em todos “estava impregnado o espírito cristão”, Marum Simão afastou qualquer possibilidade de conflito e contradição no processo de imposição religiosa da Igreja Católica em relação às tribos da região. Embora esse aspecto só possa ser notado, em grande medida, nas entrelinhas de seu texto, o que se percebeu foi que sua ênfase, por vezes heroica, gloriosa e generalizante, recaiu totalmente sob o ponto de vista do dominador.

Pode-se notar fala semelhante no discurso de Andrade Furtado, em seu artigo datado de 1955 para a Revista do Instituto do Ceará. Os elementos identiários colocados e veementemente defendidos por Marum Simão, como uma origem cristã “honrada”, também podem ser notados na narrativa a seguir:

O passado de um povo marca a sua posição para sempre na História. Essa cidade, nascida entre as matas verdejantes das margens do belo rio, numa planície onde, ao longe, se recortam as cumeadas altaneiras da Serra de Santa Maria, [...] essa cidade de

²⁹ SIMAO, 1996: 57.

³⁰ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à Vista: discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. Campinas: UNICAMP, 2008: 66.

clima tão agradável e habitantes tão generosos, foi o centro de um agrupamento cristão, que honra e enaltece o patrimônio da Nacionalidade.³¹

Voltando à questão do trecho do edital de convocação para inauguração da vila, pôde-se notar que apesar de todo o esforço de Marum Simão em rebater os editais oficiais de fundação, seus argumentos baseados exclusivamente em sua crença de que aqueles a quem chamou de “pioneiros” eram “cristãos autênticos” de linhagem portuguesa que teriam desenvolvido uma sociedade “à sombra da cruz”, não se sustentam frente às outras fontes apresentadas como o edital oficial de convocação. Primeiramente, a ideia de “cristão autêntico” é por demais, vaga. Sugerindo assim, um essencialismo que se procurou, neste trabalho, desconstruir. Havia sim, muitos cristãos, no entanto, os documentos evidenciam que aquela nova sociedade era plural, inclusive tendo em seu núcleo, numerosos indivíduos que não se enquadravam nas normas e nos ensinamentos da Igreja.

Ficou claro o desejo do escritor em revisitar a história de Quixeramobim de forma que lhe parecesse positiva e gloriosa, ou seja, com bases em um cristianismo dito “puro” ou “autêntico” com raízes na cultura europeia. Não lhe interessava como herdeiro da tradição do Instituto do Ceará, perpetuar a versão da origem da cidade que diz ter sido indivíduos considerados “vadios” pelo governo, os primeiros a desenvolver o núcleo urbano. Provavelmente, isso soaria como barbárie a um intelectual forjado nas leituras de tradição positivista. Daí seu esforço em “civilizar” e “cristianizar” as origens.

Os editais de fundação sugeriam que a instituição de Quixeramobim como “Villa” teria se dado para, de certa forma, atender a uma necessidade de ali se congregarem homens que não seguiam as normas sociais e judiciais da época. Eusébio de Souza, membro do Instituto e citado por Marum, traz em seu artigo datado de 1913 intitulado “Breve Notícia Histórica da cidade de Quixeramobim – período de 1789 a 1913”, diversos documentos que evidenciam o contexto político-social de Quixeramobim para que sua ereção à categoria de “Villa” fosse agilizada. Eusébio argumenta que

A medida posta em prática vinha satisfazer uma urgente necessidade qual a de incumbir agentes de confiança e de imediata execução das ordens emanadas pelo Capitão-mór, em regiões infestadas por bandos de malfeitores e ociosos, que, sem domicílio certo, escapavam a toda espécie de justiça, e portanto, de correção. Como complemento dela foi endereçada em data de 22 de julho de 1766 uma Ordem Regia ao Governador de Pernambuco estatuinto que os vadios e faccinorosos, que viviam a vagabundar pela capitania, se ajuntassem em povoações cíveis com mais de 50 fogos, repartindo-se elles com justa proporção as terras adjacentes, sob pena de refractarios serem considerados salteadores e inimigos communs e como taes severamente punidos.³²

³¹ FURTADO, 1955: 89.

³² SOUSA, 1913: 375.

Eusébio complementa que as referidas disposições só foram concretizadas duas décadas após sua emissão:

A vista das amplas disposições dessa Carta, é que o Governador de Pernambuco 23 anos depois, isto é, em 1789, concede ao Ouvidor Avellar Barbedo a faculdade de erigir em villa a povoação de Santo Antonio de Quixeramobim.³³

Além do recolhimento dos ditos “vadios”, outro argumento apresentado para a ereção da vila era o de alavancar a economia local com a mão-de-obra desses homens, como sugere uma correspondência datada de 20 de fevereiro de 1789 ao Ouvidor Geral da comarca ao Governador e Capitão-General de Pernambuco e da Comarca do Seará Grande, Dom Thomas José de Melo:

O Doutor Manoel de Magalhães Pinto e Avellar de Barbedo Graduado na Universidade de Coimbra [...]. Fasso saber a todos os moradores desta Villa e seo termo que havendo-se a mesma erigido em conformidade das ordens de Sua Majestade para se agregarem a ella todos aquelles sujeitos que vivendo sem officio de que posão tirar hum interesse onesto que lhes sirva para sua sustentação vem a cahir e precipitar-se nos maiores crimes e dezordens fazendo-se por esta causa perniciosos a sociedade a que deverão ser úteis com o seo trabalho applicando-se a cultura das terras [...]. Vila Nova de Campo Maior quinze de Junho de mil sete centos e oitenta e nove.³⁴

Esses documentos e correspondências apresentados reforçam o trecho do edital rebatido e negado por Marum Simão, o qual afirmava em quais condições sociais a Vila de Campo Maior teria sido criada. Sabe-se que a história é contada ou escrita por intermédio de escolhas, seleções, recortes e omissões. Marum Simão fez suas escolhas para elaborar uma identidade quixeramobiense. Admitir que a dita “cidade coração do Ceará” teria sido no passado elevada à condição de “Villa” para abrigar homens que praticavam segundo os documentos, “crimes e dezordens”, não fazia parte dessa tradição historiográfica a qual o escritor fazia parte. Antes, preferiu não apenas dar menos importância, mas negar completamente todos esses aspectos com argumentos religiosos ao mesmo tempo em que ressaltou valores morais cristãos de uma sociedade que teria, segundo ele e Andrade Furtado, surgido “à sombra da cruz”.

No próximo tópico, se verá um pouco mais dessa construção espiritual presente nas diversas narrativas do mito fundador da cidade de Quixeramobim.

³³ Ibidem, p. 375.

³⁴ Ibidem, p. 392-394.

Religiosidade, mito das três raças e determinismo geográfico

Outra característica marcante nos textos dos historiadores quixeramobienses do Instituto do Ceará, é o constante engrandecimento da dita “virilidade” do sertanejo nascido e criado nas dificuldades de uma região seca, o qual encontraria na fé católica seu firme fundamento para seguir adiante em um ambiente hostil. O livro “Quixeramobim, recompondo a história” é revelador nesse sentido, pois acabou por reproduzir uma narrativa católica e enaltecida do sertanejo mestiço também presente nos artigos de outros autores do Instituto Histórico. A seguir, tomar-se-á como exemplo primeiro o capítulo V do livro de Marum Simão, o qual trata da “Vida Religiosa”. Trata-se de um dos capítulos mais expressivos no que diz respeito à construção/invenção de uma identidade quixeramobiense.

As primeiras palavras do capítulo V revelam um Marum Simão religioso, católico, que em sua escrita procura passar ao leitor uma espécie de espiritualidade quixeramobiense: “Desde o início da colonização das ribeiras do Ibu, nas proximidades do Serrote Quixeramobim, que Santo Antônio está ali a presidir e orientar, com seu exemplo de vida, com sua dedicação à causa do evangelho”.³⁵

O caráter generalizante de sua escrita fica evidente em mais um trecho que celebra o padroeiro da cidade e de seu povo, o qual é descrito como sendo religiosamente unido e unificado em uma só fé cristã, e que ainda segundo o autor, não possui crenças fanáticas:

No que tange à religiosidade “O Santo dos Milagres” tem presidido os atos cristãos ali realizados. Venerado e amado por todos os quixeramobienses e pelos que passam a morar na cidade [...], sendo constantemente invocado por aquela gente, desprovida de fanatismo e misticismo.³⁶

Com essa afirmação categórica sobre a ausência de “fanatismo e misticismo”, podemos entender que a identidade depende e é marcada pela diferença³⁷. Observe-se como o escritor constrói uma identidade a partir das diferenças, daquilo que segundo ele não fazia parte das características daquelas pessoas e sim de outras, ou seja, fanatismo e misticismo. Trata-se de uma construção, uma seleção positiva intencional de atributos em que há sempre uma relação de poder no discurso que envolvem “nós” e “eles”. Concordamos com Kathryn Woodward quando afirma que:

³⁵ SIMAO, 1996: 96.

³⁶ Ibidem, p. 97.

³⁷ SILVA, 2012.

“o que somos” significa dizer “o que não somos”. A Identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora.³⁸

Ainda na esteira da identidade, percebeu-se que o tom religioso/católico é um aspecto muito presente e significativo na escrita desses intelectuais do Instituto. Como exemplo, vejamos o livro de Marum Simão, particularmente o capítulo VII, em trecho que o autor discorre sobre os rumores da passagem do suposto primo legítimo de Lampião e seu bando pela região. Marum relata que os mais antigos contam que quando o boato de uma suposta invasão de cangaceiros correu pela cidade, os moradores fechavam portas e janelas e deitavam no chão até que “a malfadada notícia passasse”³⁹. No parágrafo seguinte, quase que em um brado de alívio pela cidade não ter passado por invasões e saques por parte dos cangaceiros, o autor escreveu: “Felizmente, Quixeramobim, por obra de Deus e intercessão de Santo Antônio, não viveu essa triste experiência”⁴⁰. É interessante observar essa cultura escrita dos historiadores do Instituto do Ceará e perceber que em alguns casos a narrativa histórica é influenciada por crenças religiosas, muitas vezes até pondo entidades clericais como sujeitos ativos e interventores em determinadas situações. É aí que se faz valer o argumento do que Certeau chamou de “Lugar Social”⁴¹. Sendo todos esses escritores católicos e estudado em colégios católicos desde a infância, sua escrita carrega, claramente, os traços dessa formação religiosa.

Para ilustrar com alguns exemplos, apresentar-se-á, a seguir, duas passagens de artigos escritos por Andrade Furtado e Ismael Pordeus em que se quer destacar a inserção de entidades clericais na narrativa histórica, bem como declarações de fé a santos católicos, como Santo Antônio. Andrade Furtado em artigo de 1955 “Quixeramobim e Sua Vida Religiosa”, escreveu sobre como a população local teria reagido às constantes secas que assolavam a Villa de Quixeramobim em meados do século XIX: “O desalento ou a falta de ânimo não imobilizaram, diante dos horrores da calamidade, o lutador inexpugnável, confiante no poder da misericórdia divina, [...] da bondade infinita de um Deus que não se deixa jamais vencer em generosidade e amor.”⁴²

Já Ismael Pordeus, em artigo de 1956 intitulado “Antônio Dias Ferreira e a Matriz de Quixeramobim”, finalizou seu trabalho com um chamado à comunidade quixeramobiense: “Pelas virtudes excelsas do grande taumaturgo português, e pelos fatos históricos que o ligam à

³⁸ Ibidem, p. 82.

³⁹ SIMAO, 1996: 8.

⁴⁰ Ibidem, p. 8.

⁴¹ CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

⁴² FURTADO, 1955: 90

nossa Pátria, devemos nós, quixeramobienses, venerar mais e mais ao padroeiro que nos deixou o CAPITÃO ANTÔNIO DIAS FERREIRA”⁴³.

Seguindo o estilo de Furtado e principalmente de Pordeus, Marum Simão escreveu sobre como teria se dado o processo de criação da Paróquia de Santo Antônio e, como Antônio Dias Ferreira teria sido “feliz” na escolha do padroeiro ainda na época da antiga e primitiva capelinha. “Construindo a capelinha nos sertões de Quixeramobim ao lado do curra e da casa-grande da fazenda, teve o capitão Dias Ferreira a feliz iniciativa de escolher para patrono e insigne doutor da Igreja, Santo Antônio.”⁴⁴ A citação também evidencia uma clara declaração de fé em meio à narrativa histórica, assim como o fizeram aqueles intelectuais do Instituto Histórico do Ceará.

Na esteira do que Pesavento chamou de “construções simbólicas de sentido”⁴⁵, chegamos ao tema miscigenação. Tais construções também vêm no sentido de reforçar ou criar uma identidade e um sentimento de pertencimento. Sendo assim, a tese dos autores quixeramobienses do Instituto Histórico do Ceará sobre a miscigenação em Quixeramobim e no Brasil como um todo, se enquadra no que muitos estudiosos e críticos de intelectuais como Darcy Ribeiro denominaram de “Mito das Três Raças”. Esse mito muito conhecido visa criar, através de uma análise simplista e mecânica de causa-efeito, uma Identidade de Povo Brasileiro em diversos aspectos como o cultural, psicológico e comportamental, partindo da ideia de que a mistura entre índio, negro escravo e europeu teria forjado nossa cultura e nossa sociedade. Como filho do Instituto do Ceará, Marum Simão não fugiu à tradicional regra sobre o papel da miscigenação no Brasil: “Aqui, como no resto do País, a miscigenação do branco, negro e índio propiciou o aparecimento de um povo intrépido, forjando a têmpera viril do sertanejo.”⁴⁶

Para reforçar essa tese, Marum Simão citou logo após sua afirmação, mais uma passagem de um artigo de Andrade Furtado publicado na Revista do Instituto do Ceará, que também reproduziu a ideia do mito das três raças: “A sociedade que emergiu da genealogia mesclada do branco, do índio e do africano humanizou o solo bárbaro e inspirou a força dos empreendimentos destemerosos para as ásperas jornadas do Porvir”⁴⁷. Aqui, temos o homem produto da miscigenação não apenas como forte fisicamente, mas como mais “avançado” no que diz respeito à civilização, “humanizando” o que seria “bárbaro” através do cristianismo. Esse trecho, assim como a citação anterior, sugerem que Marum Simão herdou uma visão conservadora/tradicional que prega o dito “sertanejo” como um produto/resultado do meio

⁴³ PORDEUS, 1956: 114.

⁴⁴ SIMAO, 1996: 99.

⁴⁵ PESAVENTO, 2005.

⁴⁶ SIMAO, 1996: 50.

⁴⁷ Ibidem, p. 50.

rústico, ou seja, um homem de “têmpera viril”, “um forte” como afirmou Euclides da Cunha em Os Sertões.

Marilena Chauí ressaltou que esse determinismo do meio proclamado pelo IHGB, não se restringiu apenas à questão moral, mas também se estendia aos usos e costumes, pois, “inspirando-se no naturalismo evolucionista e no positivismo”, partiam para um “determinismo natural na formação do caráter, isto é, das condições climáticas e da raça, às quais acrescenta o determinismo moral, isto é, os usos e costumes”.⁴⁸ No Ceará, essa visão evolucionista também foi muito forte no Instituto Histórico local, Almir Leal afirmou que essa elaboração identitária se dava na

Relação determinante da atribuição do meio físico como condicionante moral. [...] O lugar da identidade cearense com base na produção historiográfica foi a definição de um tipo de humano caracterizado pelas modificações da natureza. [...] Um modelo explicativo que teve sua base nas leituras científicas que marcaram o grupo de intelectuais da Academia Francesa no Ceará em meados da década de 1870. As influências mesológicas e o predomínio das leis da natureza na formação do caráter mental da população foram leituras sociais incorporadas do darwinismo social. [...] O caráter sentimental do cearense estaria, dentro dessa visão, marcado pela definição de um tipo de humano que, reconhecidamente, era resultado do meio físico. [...] Moldado pela fusão das raças europeia e indígena, e pelos condicionamentos do clima.⁴⁹

Essa invenção histórica do cruzamento das “raças” e de que o chamado “sertanejo” por si só é um forte devido ao ambiente hostil, também foi utilizada por Andrade Furtado e, conseqüentemente por Marum Simão para tentar justificar uma condição de diferenciação a partir dos chamados “pioneiros” (como os chama Marum) ou “avoengos” (como os chama Furtado), ambos termos que remetem a supostos antepassados: “o heroísmo incomparável e desmedido dos nossos avoengos foi uma escola de robustecimento moral da fibra varonil dessa forte e brava gente”.⁵⁰ Também se pode citar o artigo do quixeramobiense Boanerges Facó “Fastos do Ceará – Quixeramobim” (1958) e suas afirmações semelhantes que remetem à mesma construção de identidade aqui problematizada. Facó procurou ressaltar a suposta “força” do sertanejo quixeramobiense que, resistiria bravamente às intempéries da região:

Eu te saúdo, no teu festivo jubileu, vetusta cidade, cujos campos, às vezes açoitados pela inclemência de um sol de brasa, que te calcina e cresta o vasto planalto, castigado pela crise climática, mas que teus fortes e dignos filhos sabem gozar ou sofrer no seu contraste entre a abundância e a miséria. (FACÓ, 1958: 58)

⁴⁸ CHAUI, 2001: 48.

⁴⁹ OLIVEIRA, 2001: 200-201.

⁵⁰ FURTADO, 1955: 90.

O mito das três raças que também tem sido usado nos dias de hoje para explicar, dentre outras coisas, a ginga futebolística brasileira e os ritmos musicais alegres, é um resultado direto do presente, do olhar do escritor sobre a realidade. A identidade além de ser reivindicada através de apelos a antecedentes históricos é feita também a partir das referências e pressupostos do tempo presente em que é forjada. Nesse sentido, compartilhamos do mesmo pensamento de Ruthenford, quando este afirma que: “A identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora”.⁵¹

Mas qual o motivo de tanto orgulho pelo fato da mestiçagem brasileira por parte de diferentes gerações de escritores? Uma possibilidade pode ser encontrada em Chauí. A filósofa ressaltou que a escola histórica alemã, muito influente no IHGB e no Instituto Histórico do Ceará, possuía dois critérios para definir se um “aglomerado humano” poderia ou não ser considerado uma nação. Esses critérios eram a unidade racial seguido da densidade demográfica. Esses fatores se colocados ao lado dos objetivos do IHGB que, em um plano mais amplo, pretendia discutir o que era a nação brasileira, ajudam a entender um pouco desse fetichismo da mestiçagem, presente nesses autores.

Uma outra construção identitária feita pelos historiadores do Instituto que remete à singularidade do território é o apelo constante ao título de “Cidade Coração do Ceará”⁵². Tal afirmação se deu devido à posição geográfica da cidade e se constituiu parte do leque mitológico que visa fortalecer as narrativas históricas. O recurso de comparar a posição geográfica de certas cidades ou regiões no mapa brasileiro, com pontos vitais do corpo humano, tem sido usado ao longo da história do Brasil, para se inventar e criar laços. Pode-se citar como exemplo o samba enredo “Cidade Maravilhosa”, composto por André Filho para o carnaval carioca de 1935, o qual é evocado até os dias de hoje por intelectuais e pessoas comuns para afirmar uma posição de diferenciação em relação às demais cidades do Brasil:

*“Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil
Cidade Maravilhosa, coração do meu Brasil”*

Também se houve constantemente na mídia e outros meios, que a Amazônia seria o “Pulmão do Mundo” dado sua importância ambiental para o planeta. O termo que apesar de já questionado, ainda tem sido constantemente apropriado por grupos de ativismo ambiental que, em seus discursos e apelos, o usam com o fim de ressaltar a importância das florestas brasileiras que seriam um patrimônio mundial a ser preservado.

⁵¹ RUTHERFORD, J. (org.). *Identify: community, culture, difference*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990: 19-20.

⁵² SIMAO, 1996: 351.

É importante esclarecer que a “Cidade Coração do Ceará” não foi inventada por Marum Simão. Nos anos 50 do século XX, esse já era um jargão conhecido e reproduzido nos meios intelectuais cearenses. Tem-se como exemplo, trecho do artigo “Fastos do Ceará – Quixeramobim”, do quixeramobiense Boanerges Facó: “Quixeramobim é o centro do Ceará, é o alto sertão, pois fica equidistante da zona litorânea como o fica da fertilíssima região do Cariri. Não lhe chamo o coração do Ceará, porque a comparação já está muito trivial”⁵³. Percebe-se, portanto, pelas palavras de Facó, que essa construção identitária a partir de um aspecto geográfico da cidade, vem de, pelo menos, desde metade do século XX.

A seguir, se verá como essa historiografia influenciou a construção do Hino Municipal de Quixeramobim, se pensará o lugar social do autor da letra e em que medida seu conteúdo dialoga com os artigos e livros dos historiadores do Instituto Histórico do Ceará.

Civismo, História e Identidade: traços da historiografia oficial na construção do Hino Municipal de Quixeramobim

A influência da cultura escrita do Instituto do Ceará, que elaborou a partir dos historiadores quixeramobienses, os primeiros mitos de origem da cidade, pode ser encontrada também no hino municipal de Quixeramobim. Os diferentes aspectos dessa narrativa heroica e generalizante, que no decorrer dos pontos anteriores foram analisados, são diariamente reproduzidos, não só em livros didáticos, mas também nesse gênero de canção cívica em específico.

Pensar de forma crítica os hinos municipais é algo interessante e necessário, pois geralmente são tidos pelo senso comum como “intocáveis”, “inquestionáveis”, “patrimônio histórico do município”, “símbolo do orgulho municipal” que ao lado da bandeira da cidade, representam os maiores signos identitários locais, isso, se pensarmos a identidade sendo construída pela via política. Todavia, na realidade são discursos carregados de ideologias e construções como qualquer outro. É preciso encará-los como discursos que foram construídos para uma determinada finalidade, geralmente para cimentar em uma só manifestação, no caso a música/canção, o que seriam os atributos que definiriam o orgulho coletivo e a identidade da cidade e de seus moradores. Portanto, é necessário desnaturalizar os hinos municipais, evitando

⁵³ FACO, 1958: 45.

cair no erro de vê-los como algo natural a toda cidade emancipada. Deixando essa visão simplista de lado, deve-se enxergá-los não somente como “documentos”, mas, sobretudo como “monumentos”, produtos de uma época, de uma mentalidade histórica dominante que o elaborou e fabricou em determinado contexto. Como bem afirmou Le Goff a esse respeito,

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com conhecimento de causa.⁵⁴

Numa análise mais acurada, se percebeu que os hinos municipais são produtos de um imaginário glorioso sobre a história local, extensões do discurso historiográfico oficial para além dos livros. Essas produções musicais monumentalizaram, assim como a produção historiográfica, uma série de mitos que anteriormente foram problematizados nesse trabalho. Um exemplo desse fenômeno pôde ser observado no hino municipal de Quixeramobim. A composição é datada de 1956, em comemoração ao centenário de elevação da Villa de Campo Maior à cidade de Quixeramobim. A letra foi escrita pelo historiador quixeramobiense Emanuel Antônio Andrade Furtado, membro do Instituto Histórico do Ceará e autor de vários artigos sobre o passado da cidade, citado, inclusive, diversas vezes na obra de Marum Simão e também nesse trabalho. A música ficou a cargo de monsenhor José Mourão Pinheiro, músico e padre que servia na cidade de Fortaleza e que foi amigo de Andrade Furtado. Por ter letra e música pensadas por dois intelectuais católicos, é possível observar ao longo da música, que há um apelo a religiosidade do povo como sendo uma característica que o faria “forte”.

⁵⁴ LE GOFF, Jacques. *Historia e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994: 545.

HINO DO MUNICÍPIO DE QUIXERAMOBIM

Letra: Andrade Furtado

Música: José Mourão

(1956)

Num passado remoto e glorioso,
Nestes campos gerais do Sertão,
Quis o Império assentar valoroso
Forte núcleo de um povo cristão!

**Nas lutas pela liberdade,
Para atingir tão nobre fim,
Sempre seguiu, com lealdade,
Na frente Quixeramobim!**

Inda fulge a grandeza de outrora,
Num brasão de tão alto valor,
E bem longe se exaltam, lá fora,
Belos feitos de tanto esplendor!

Há cem anos surgiu a cidade,
Cuja história enaltece e bendiz,
O vigor, a bravura, a bondade,
Desta gente que Deus quer feliz!

Nesta terra, valente e altaneira,
De prestígio e renome sem par,
Uma raça viril, sobranceira,
Há de a glória da pátria elevar!
(grifo nosso)

A letra de Andrade Furtado remete, inicialmente, a um passado de glórias da cidade de Quixeramobim, visão de história que refletiu os parâmetros ideológicos do IHGB e do Instituto do Ceará, como se pôde perceber nos artigos e livros aqui citados. Em seguida, exaltou uma dita origem católica aliada a uma solidez ou estabilidade política: “Forte núcleo de um povo cristão”. Logicamente que, ao ter evocado uma origem cristã católica para o município, Furtado evocou também, mesmo que não citando diretamente, a figura do chamado “fundador” Antônio Dias Ferreira. Levando em consideração o lugar social de Andrade Furtado, seu lugar de escrita e suas referências enquanto membro do Instituto, o que o mesmo chamou de “passado de glórias” da cidade não seriam apenas as datas marcantes, como a emancipação política ou expansão territorial e urbana, mas também estaria embutido nas entrelinhas dessa narrativa (afinal, um hino municipal é uma pequena narrativa da história da cidade), o processo conflituoso entre colonizadores e índios da região. Trata-se de uma apropriação ou uso do discurso daqueles que se colocaram como vencedores, definindo assim o que seriam os acontecimentos “gloriosos” de acordo com seus interesses. Ou seja, a vitória da civilização cristã sobre a “barbárie”, a “ignorância” e o “paganismo”, o que nessa visão tradicional teria sido necessário para que o “progresso” e a “civilização” se instaurassem nessas terras. Tal fato que se configuraria, assim, como parte daquilo que Andrade Furtado chamou de “passado de glórias”.

O refrão exalta uma dita tradição da cidade de Quixeramobim em sempre “lutar” pela liberdade. Importante enfatizar que esse discurso foi muito presente nas obras dos quixeramobienses Boanerges Facó (1954), Marum Simão (1996) e até mesmo do próprio Andrade Furtado (1955), que em seus escritos exaltaram um chamado “espírito libertário” coletivo que seria, segundo essa tradição, característica histórica dos moradores de Quixeramobim. Houve por parte desses intelectuais, uma generalização da participação popular em eventos como a Confederação do Equador (1824), libertação dos escravos (1888) e a proclamação da República (1889). Esses acontecimentos foram narrados como se a sociedade quixeramobiense que vivenciou esses marcos fosse homogênea e caminhasse junta em um só propósito e pensamento, sendo todas as camadas sociais engajadas politicamente e tendo como lema a “liberdade”.

A parte final do refrão afirma um “pioneirismo” da cidade no que se refere às lutas pela “liberdade”, e ainda, que Quixeramobim sempre esteve engajado nesses embates políticos de forma “leal”: “sempre seguiu, com lealdade, na frente Quixeramobim”. Está implícita nesses versos uma noção de história heroica, triunfante, sem máculas, e ainda, como típico da tradição escriturária de Andrade Furtado e do Instituto do Ceará, as ditas qualidades morais (lealdade)

presente no verso foram pontos chave para o fortalecimento de um tipo de identidade que se quis fabricar. Sendo assim, o refrão do hino municipal de Quixeramobim reforça uma concepção de história local, já predominante na cidade: uma história uniforme, tendo em sua narrativa a ausência de embates entre grupos políticos com interesses diferentes, porém, recheada de pessoas “leais” e “grandes homens”.

Nas duas últimas estrofes, Andrade Furtado expressou sua perspectiva de história evolucionista e determinista, ou seja, o homem como produto do meio geográfico, não só tendo suas características físicas determinadas pelo mesmo, mas principalmente sua moralidade. Nesse sentido, por ser Quixeramobim uma cidade de clima seco e com histórico de secas intensas e periódicas, sua população seria, segundo essa leitura evolucionista/determinista, um povo “forte”, “resistente”, “determinado”, “vigoroso”, “raça viril, sobranceira”. Contribuiu também para essa imagem, a noção de Andrade Furtado de que a população não possuía tais atributos apenas por conta do fator geográfico, mas também por seu caráter mestiço.

A historicidade desse tipo de discurso possui suas bases no início do século XX, logo após a região Nordeste ser criada pelo Estado brasileiro. Na oportunidade, um grupo de intelectuais que se autodenominava “regionalistas” e “tradicionalistas”⁵⁵, pensaram ainda na primeira metade do século XX, o que seria o “homem nordestino” que ocuparia esse novo espaço. Durval Muniz, em trabalho sobre o gênero masculino no Nordeste⁵⁶, afirmou que esses discursos emergem em um contexto de crise econômica das elites regionais que perdem sua hegemonia política para São Paulo e Minas, e que, em resposta à passividade dessas elites derrotadas, alguns intelectuais como Gilberto Freyre, fabricaram o “tipo nordestino forte” como uma “reação viril” a tal cenário de crise. Durval ainda sustenta que esses discursos partiram de uma argumentação biogeográfica e naturalista. Como se viu anteriormente, o Instituto Histórico do Ceará se apropriou dessa concepção, fazendo com que os ecos desses pressupostos chegassem até os dias atuais por intermédio dos escritores que se debruçaram sobre a história de Quixeramobim.

O Nordeste, que em sua definição como espaço regional autônomo no país, teve como um dos traços distintivos, exatamente, a sua natureza, que no discurso regionalista é homogeneizada a partir da imagem seca e da aridez, teria um homem particular, teria um tipo étnico, um homem de uma índole ou caráter distinto, apresentando tradições culturais particulares, por ser marcado pela convivência com uma natureza áspera, árida, bruta, difícil, exigindo deste uma constante batalha pela vida. O nordestino seria, nesses discursos de base biogeográfica, um homem telúrico, homem especial por ser fruto da

⁵⁵ De acordo com Durval Muniz, compunham o Centro Regionalista, fundado em 1924, alguns intelectuais ditos “nordestinos” como Gilberto Freyre, Aníbal Fernandes, Amaury Medeiros, Odilon Nestor, Moraes Coutinho, Carlos Lyra, dentre outros.

⁵⁶ ALBURQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: a invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920 – 1940)*. São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

adaptação a uma natureza, a um meio especial, um homem forjado na luta contra o meio, contra a seca e a aridez.⁵⁷

Desta forma, a memória construída pelo hino do município e por toda a historiografia produzida por estes escritores sobre os habitantes de Quixeramobim, é, pode-se afirmar, uma memória viril, que possui em seu teor os traços de virilidade necessários a um “povo forte”, traços provenientes de um contexto de crise e enfraquecimento das elites nordestinas, apontado pelo historiador Durval Muniz. Soma-se ao fator geográfico como determinante sobre o indivíduo, o processo de mestiçagem, também muito presente nas obras dos estudiosos cearenses aqui analisados.

Essa atitude de apontar a mestiçagem como causa da existência de características generalizantes de um grupo social, foi denominada por alguns estudiosos como “mito das três raças”. Apenas para ilustrar a maneira como essa historiografia influenciou e criou, em certa medida, um imaginário das camadas letradas sobre a cidade de Quixeramobim, ver-se-à a seguir um fragmento do artigo “Quixeramobim e sua vida religiosa”, de autoria do próprio Andrade Furtado, publicado na Revista do Instituto Histórico. No fragmento foi possível observar os mesmos elementos do hino municipal, bem como a semelhança com a visão de Marum Simão sobre mestiçagem: “A sociedade que emergiu da genealogia mesclada do branco, do índio e do africano humanizou o solo bárbaro e inspirou a força dos empreendimentos destemerosos para as ásperas jornadas do Porvir.”⁵⁸ A citação também é uma evidência de como essa fala reflete a visão histórica com centralidade na figura dos colonizadores. Visão triunfalista e evolucionista que usaria a questão da miscigenação e dominação, não para tecer reflexões sobre o processo conflituoso, mas para justificar uma chamada “humanização do solo bárbaro” a partir daquilo que muitos teóricos chamam de “mito das três raças”.

Também foi possível perceber discurso semelhante no Hino oficial do bicentenário da Paróquia de Quixeramobim, escrito pelo mesmo Andrade Furtado e mais uma vez musicado por Monsenhor José Mourão Pinheiro, no ano de 1955.

⁵⁷ Ibidem, p. 165-164.

⁵⁸ FURTADO, 1955: 89

HINO OFICIAL DO BICENTENÁRIO DA PARÓQUIA DE QUIXERAMOBIM

Um passado de glórias, fulgente,

Se reflete na vida cristã

Deste povo leal e valente

Desta terra fecunda e louçã.

(...)

Alto exemplo legaram, por certo,

Neste Campo Maior do Ceará,

Os que vieram de longe ou de perto,

O progresso trazendo até cá.

Por ser longo, se transcreveu cima apenas a primeira e a terceira estrofe do Hino, as quais versam e dialogam mais diretamente com as questões problematizadas anteriormente no hino municipal de Quixeramobim. Da mesma forma, esse hino deve ser entendido como um discurso forjador de identidades, pois reafirma o discurso das raízes ou origens católicas da cidade. Pode-se ainda afirmar que não somente afirma, mas legitima, dado o lugar e as pessoas que o produziram, as quais foram figuras ligadas institucionalmente à Igreja. Por fim, além da noção de “povo forte” estar presente novamente, a ideia do que seria o passado glorioso, desta vez se evidencia mais claramente nas estrofes de Furtado: a vitória dos colonizadores católicos portadores da “civilização” sobre o “paganismo”. A dita glória desse passado se refletiria na vida cristã.

Conclusão

Essas foram algumas reflexões sobre a obra de Marum Simão e de seus conterrâneos ligados ao Instituto Histórico do Ceará. Viu-se qual foi o tipo de história que continua sendo referência para a cidade de Quixeramobim. Uma história de cunho católico, heroica, que exalta grandes homens e que se pretende livre de contradições sociais. Viu-se que esse discurso histórico tentou justificar ou reivindicar uma origem europeia para a cidade, em detrimento do protagonismo dos povos indígenas e negros da região, vistos como mero obstáculos aos “fundadores” e “desbravadores” portugueses que também teriam deixado um legado espiritual por intermédio de seus exemplos enquanto “cristãos autênticos”. O índio representava a “barbárie” e o “paganismo”, por isso, dentro dos parâmetros dos intelectuais cearenses que desejavam colocar o Ceará no projeto civilizatório nacional por intermédio da história, não serviriam como marcos, como base de uma civilização. Essa tradição historiográfica do Instituto Histórico do Ceará chegou até os dias atuais através do livro de Marum Simão, amplamente massificado nas escolas da cidade de Quixeramobim. Por isso, torna-se necessário, alguns questionamentos e reflexões concernentes a essa historiografia.